



ESPOZENDE

Semanao republicano, independente defensor dos interesses deste concelho

Director, administrador e propriet.—José da Silva Vieira

Editor—Julio de J. Giesteira Lima

Composição e impressão—Typ. Espozendense—Espozende

ASSIGNATURA

Anno, sem estampilha 8\$000 rs.—Numero avulso 200 rs.—Com
estampilha e para fóra 10\$000 rs.—Brasil, (Moula forte), 30\$000 rs.
Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

ANNUNCIOS

Judiciaes: linha ou esp. de linha 1\$00 esc.—Comun. ou re-
clames, linha 50 c. Imposto do sello, cada publicação. 15 c. — Anuncios
particulares: linha 70 c. Reclames e obras literarias med. um exemp. Não se restituem originaes.Este n.º foi visado pelo snr. Administrador
do Concelho.

MELHORAMENTOS

DE ESPOZENDE

IV

Energia eléctrica

A Central eléctrica representou
a solução efectiva da electrificação.
Será, todavia, económico o seu
aproveitamento continuado?

Em artigo anterior encarei a
manutenção da luz sob o ponto
de vista puramente economico,
mas sómente abordando as me-
didas economicas immediatas, fri-
sando a necessidade inadiável da
compressão de despezas e alarga-
mento de receitas.

Aquelas por uma redução
do pessoal; sobretudo; estas por
meio da oferta de baixadas gra-
tuitas ou facilitadas, e ainda pela
montagem do fio neutro.

Em serviços municipaliza-
dos, e os criticos baratos devem
reparar nisso, a luz da rede pu-
blica é, e deve ser sempre, paga
pela Camara com a verba, que
sempre deve estar orçamentada, da
iluminação publica; e essa ver-
ba já deveria constar dos orça-
mentos da Câmara de Espozen-
de, antes da existência da luz
eléctrica, para o pagamento dos
encargos com a luz a acetilene
ou petroleo. Logo, ao contrario
do que muita gente não perce-
be, há e deve haver lançamentos
de contra-partida; na luz publi-
ca os serviços municipalizados
colhem receita na verba
municipal de iluminação publi-
ca, receita que deve cobrir a des-
pesa do quantitativo da luz pu-
blica consumida.

E' claro que em serviços de-
ficitarios—e os criticos tambem
devem reparar que estes são
sempre deficitarios no comêço
emquanto se não criam neces-
sidades—êsse jogo de escrita,
apesar de rigoroso e necessario,
impressiona mal emquanto não
limitarmos: a) a receita, a um má-
ximo pouco superior ao que se terá
atingido com os tipos anteriores
de iluminação;

b) a despeza a um minimo
compativel com essa receita, em-
bora se tenha de reduzir o quan-
titativo das lampadas e da sua
velagem, as horas e dias de con-
sumo, etc. etc.

Sem fio neutro não se pode
conhecer o consumo público se-
não por uma estimativa que,
técnicamente, seria muito apro-
ximada senão houvesse fugas de
maus isolamentos e possiveis
grandes fraudes no consumo
particular.

Não conheço, ao de leve se-
quer, a escrita destes serviços.
Sem receio de errar, tenho a
certeza matemática que desenvol-
veria se fosse preciso, de que de-
vem ser insuportavelmente de-
ficitarios pela sobreposição de
dois grandes deficits: o da rede
publica e o da rede particular.

Um presidente da Câmara,
como o actual, cheio de boa
vontade de acertar, tem necessi-
dade inadiável de conhecer cons-
tantemente o quantitativo do consu-
mo publico separado do quantita-
vo da rede particular.

Afóra as vantagens econo-
micas da separação das duas rê-
des, já vistas, ha esta outra nota-
bilíssima: a visão clara do estado
dos serviços, traduzindo-se n'uma
escrita igualmente clara e indica-
dora, constantemente, das me-
didas administrativas necessarias
por atingir estes desiderata: equi-
líbrio financeiro na rede publica
com verba municipal razoavel; e e-
quilíbrio na rede particular com a-
pelos de propaganda, baixadas gra-
tuitas, pelo menos para uma e duas
lampadas, pagamentos em prestações
das instalações particulares, ins-
talações feitas com material com-
prado pela Câmara, com pessoal
seu ferozmente fiscalizado de for-
ma a que o publico sinta que as
suas instalações são baratas sem-
pre; e são baratissimas pela faci-
lidade de pagamento em presta-
ções. E que custaria á Camara,
fazer empréstimos amortizaveis
dentro de um anno economico?!...

Alem de que a Camara lu-
craria tambem em receber os
salários dos seus montadores.

Antes de mais nada, preciso
de dizer que eu sou um critico,
imperturbavelmente, de boa fé.
E que, como critico da boa fé
procuro lembrar soluções que a
experiencia da governança de
agremiações administrativas tem
sugerido ao modesto conheci-
mento e muito prazer que tenho
no tratamento destes assuntos.

Os criticos de má fé não po-
dem gostar destes meus artigos
que não são personalistas e fa-
zem justiça a todos. Mas os

amigos de Espozende, sinceros
e alheios a retalições, não-de a-
preciar a intenção com que eu
procurei fazer um estudo de
conjunto que focasse as soluções
necessarias para manter êsse gran-
de melhoramento da luz electri-
ca. Isto dito como preliminar da
exposição principal: o estudo da
fonte energéticamente mais barata.

Deve-se manter o aprovei-
tamento da Central? Será essa a
solução mais economica?

Quem tiver lido os meus
artigos anteriores; fazendo uma
justiça completa á Câmara do
Dr. Alexandre Torres, hade crer
que eu sou apologista do apro-
veitamento da Central como so-
lução normal. E, todavia, não
o sou.

A montagem da Central deve
ter o papel de regulador de pre-
ços, garantia efectiva da eletri-
ficação de Espozende, reserva ou
reforço em todos os casos.

E se houver modo, e eu tenho
a fé de que ha, de obter uma fon-
te subsidiaria de mais barato qui-
lowatt, não será difficil imaginar
que a luz electrica, dentro de al-
gum tempo, dará lucro.

Asaba por dar lucro em toda
a parte, principiando sempre por
dar prejuizo.

E' questão de não fugir dos
principios economicos, que devem
regular êstes assuntos, e de pro-
curar que os particulares se in-
teressem pelas suas instalações.

Mas como o artigo de hoje
vai longo, eu publicarei um úl-
timo artigo êste assunto palpi-
tante.

Duarte Carrilho.

P. S.—Escrevi uma série
de cinco artigos, de que êste é o
4.º; ha alguns meses.

Felicito-me por ver o sr. pre-
sidente da Camara na ancia de
pisar os melhores principios eco-
nomicos. E, ao seu espirito de
sacrificado e de bairrista—areja-
do nos grandes meios, farei o mel-
hor dos elogios dizendo que,—
dado o que já fez e, sobretudo, o
que tem entre mãos—ninguem
condicionaria ou faria mais e mel-
hor no reduzido tempo da sua
administração.

E' facil criticar, facilimo.

Mas são criticas demolidoras
todas as que não se basearem nes-
premissas evidentes: um municipio
cheio de encargos e despido de
receitas de apêlo.

D. G.

UM CRIME DE LESA-PATRIA

Volvemos os olhos para
a nossa terra.

No dia 20 do mez findo,
assisti a uma scena, que em no-
me da Humanidade, a torno do
conhecimento de todos, para
ver, se quem de direito, volve
os seus olhos misericordiosos,
para o estado deploravel do nos-
so rio, assim como para a sorte
cada vez mais augustiosa do
nosso pescador.

Os nossos homens do mar,
a quem não falta audacia e peri-
cia, em virtude da açudagem da
barra e do rio, nem sempre po-
dem sair mar em fora em busca
do sustento de seus filhos, e
assim é, que nestes ultimos me-
zes tem luctado com a miséria.

No dia 20, ao verem bater-
lhes á porta a fome, fizeram-se
ao mar, num momento de calma-
ria; mas, eis senão quando
menos esperavam, o mar se en-
capela e em furias de leão, tenta
devorar-lhes as vidas e atirar á
orfandade um punhado de crea-
turinhas, enchendo de lucto tan-
tos lares.

Ha o signal de socorro, e os
Socorros a Naufragos tenta en-
viar o seu salva-vidas o que
não foi possivel pela açudagem
do rio.

As mulheres na praia, num
chôro comovente, faziam pre-
ces aos ceus, para que poupas-
sem as vidas dos seus entes
queridos:—Contraste da vida,
ante o que se passava no delirio
carnavalescol...—e, oh Divina
Providencia, só tu velas pelos
desgraçados, ouvindo os rógos
de tantos infelizes, amparando-
os, numa onda salvadora, tra-
zendo-os a salvamento, até
junto d'uma lancha, que se en-
contrava cá dentro, esperando,
registar os obitos, caso viessem a
ocorrer.

Não haverá olhos que pos-
sam ver estas coisas, e corações
que saibam sentir a dor do pro-
ximo?

Não haverá uma verba des-
tinada aos melhoramentos dos
portos e rios?

A Hidraulica tem uma ver-
ba e não pequena, no districto
para este fim, e porque não é
aplicada no que se destina?

E' preciso que nos punha-
mos alerta, a bradar que nos dêem
aquilo que nos pertence, a não ser

que se queira calcar o direito, a não ser que queiramos aceitar o diploma de burros, calando-nos ao ver tornar o direito torto, e do torto direito.

E' necessario, é urgente que nós que temos obrigação de zelar e defender os nossos interesses, olhemos para a sorte dos homens do mar, capacitando-nos, que auxiliando-os, enriquecemos a nossa terra, evitando ainda o exodo enorme de emigrantes, que vão levar a terras outras o vigor dos seus braços, as suas energias e iniciativas, deixando a terra nativa, como se fosse, a allegorica ilha das Virgens, ou ainda a impressão directa dum campo santo, tal é o constante despovoamento, quer queiram quer não, é este o factor maximo do desequilíbrio financeiro do nosso paiz.

E' preciso que os homens que nos dirigem ou nos orientam, formem nucleos de protecção a esses desgraçados, formando por tal modo um ponto de apoio para as suas acções politicas.

O comodismo é crime, a lucta é vida, e portanto só espero que tudo se harmonise para bem da nossa patria.

Armando Eiras

AOS SENHORES CAMARISTAS

O QUE É NECESSARIO VER

Pedia-mos encarecidamente aos senhores Camaristas, para que dessem um passeio pela rua da Central, para verem a trajetoria que vae da Central ao Matadouro Municipal.

Administrações anteriores, fizeram para bem da população, uma Rua Marginal, com uma couraça que lhe serve de para-peito, para que as marés não derruam.

Pois, não sei porque, a pedra d'ali tem sido arrancada e não virá longe tudo irá rio abaixo acabar de açudar o nosso rio.

Tudo isto é degradante, quando a dois passos tem montes e montes de pedras, que foi da cadeia, e ainda a que era destinada à sua Construção.

Outro tanto poder-se-ia dizer do Caes, que lentamente vae desaparecendo, porque os pescadores, ali tem o seu deposito para se fornecer, sem olharem aos dam-nos que praticam.

Chamamos pois a atenção da Camara para essas pequenas coisas, que sendo poucas, muito são.

Imposto sobre transacções

Ultimamente foi decretado que o pagamento do imposto sobre transacção se faça em duas

prestações. A 1.^a deve ser paga até 15 de Fevereiro e a segunda até 30 de Abril.

O Codigo das Estradas

O *Diario do Governo* publicou o decreto que promulga o Codigo das Estradas para os fins de registo e inspecção de viaturas automoveis e exames de condutores.

E' criado um Conselho Superior de Viação e o paiz e ilhas adjacentes dividido em cinco circunscrições.

Acabam as cartas de *chauffeurs* amadores e desde 1 do proximo mez de junho começa o transito a ser feito pela direita da via publica, deixando a esquerda.

A Comissão examinadora dos *chauffeurs* é constituída pelo director das estradas da região ou engenheiro por ele indicado; dois delegados do automovel Club de Portugal; comandante do Trem Automovel e um delegado da Associação dos Condutores de Automoveis.

Todos os vehiculos são obrigados a ter uma placa com o nome e domicilio do proprietario e uma outra indicando a licença municipal do respectivo concelho.

Lei do selo

Extrato da lei 1623 publicada no «*Diario do Governo*», 1. serie, n.º 178 em 5 de Agosto de 1924:

Até	4.999	Gratis
De 5000 a 50000		05
De 6000 a 70000		06
De 7000 a 80000		08
De 8000 a 90000		09
De 9000 a 100000		10
De 10000 a 110000		11
De 110 a 120		12
De 12000 a 130000		13
De 13000 a 140000		14
De 14000 a 150000		15
De 15000 a 160000		16
De 16000 a 170000		17
De 17000 a 180000		18
De 18000 a 190000		19
De 19000 a 200000		20
Cada 250\$		25
Cada 500\$		50
Cada 750\$		75
Cada 1.000\$		100
Cada 1.250\$		125

Segue esta orientação, sem limite, não sendo permitido fracção de 1/2 centavo, applicando-se o divisor de um por mil, em qualquer quantia, desde esc. 50000.

Sculo, Diario do Minho, Esposendense

e outros jornaes que se referiram ao grande melhoramento e festas da luz electrica, encontraram-se à venda na Livraria e Papelaria Esposendense Rua Direita.

UMA VISITA À CASA D'UM GRANDE ARTISTA

Entre varios trabalhos que encontramos na casa do nosso amigo e conterraneo Manoel José Gonçalves Viana, fomos encontrar um que nos veio bater em cheio a nossa alma de Espozendense.

E' um trabalho encantador ao insigne polemista Antonio Rodrigues Sampaio, o filho do nosso concelho, que nascendo humilde na freguezia de Mar, veio pela sua inteligencia, pela sua tenacidade e boa vontade alcançar as mais elevadas posições quer no jornalismo, quer ainda nas altas funções, onde chegou aos pincaros da gloria. No poder amante como era da democracia e do liberalismo, não vacilou em abandonar as suas conveniencias, e por-se de braços abertos em prol do bem do povo.

Esse jornalista, o articulista maximo de nossa nacionalidade, teve a sua naturalidade aqui na nossa terra, na freguezia de Mar.

E' reconhecendo esses predicados, que uma pleiade de rapazes, a cuja frente se encontra o padre Anselmo Boaventura Rego, que é um apaixonado das riquezas da nossa terra, quer moral quer materialmente, — que um dia, fizeram sentir, que o seu genio de artista, inspirasse, um quer que fosse, com que a terra natal de Rodrigues Sampaio, pudesse perpetuar para todo o sempre a sua gratidão.

Manoel Viana, cuja arte de pintura não tem segredo anexado á grande qualidade de architecto, inspirou uma enquête, onde nos aparece um espectro, tendo em seu seio, o grande jornalista, apoiado numas grandes penedias, onde as brumas do mar sacode e se agita.

Quando outros trabalhos não nos sensibilisasse, como o grande pano para o altar de Santa Thereza de Jesus, em setim, que mais parece bordado, da igreja da Estrela, que é duma riqueza nunca vista e paisagens de efeitos delumbrantes deste nosso rincão, seria o bastante, esse pouco, que é muito, da grande inspiração, ao eminente jornalista portuguez, que é um orgulho da nossa terra.

Que os de Mar não deixem esquecer a sua iniciativa, e contem sempre como o apoio do humilde conterraneo...

Armando Eiras.

Joel Magalhães

MEDICO

Consultas das 9 ás 12.
Rua Barão de Espozende.

MINIATURAS

APAIXONADOS

Ali, no quintalejo visinho, entre um espesso roseiral preludiava todos os dias o seu amor, em trilos suaves e dolentes, um meigo rouxinol—o alado artista.

Na Primavera, em pleno Maio, florido e perfumado de rosas e glicinias, os seus carmes enlevavam de encantamento um outro artista, saúdoso de amor,—como êle.

Era Guilherme, artista gratico, distinto e modelar discipulo de Guttemberg, o extasiado e encantado ouvinte.

Quantas vezes, aferrado aos caixotins, olhos fitos no componedor, se distraia do seu trabalho para melhora-mente escutar os melodiosos trilos, as doces melopelas...

Certo dia, quando o sol morria lentamente num doirado ocaso, entre nuvens rosa-e-ouro, Guilherme, querendo mais de perto deliciar o seu espirito nos maviosos trinados do apaixonado e peregrino cantor, suspendeu o trabalho e foi pôr-se de atalaia sob o arvoredado do seu quintal, ouvidos atentos.

Uma surpresa deliciosa o aguardava. Por entre a ramaria, meia-encoberta pelo roseiral, enlevada tambem por aqueles carmes d'amor,—Aninhas, a sua joven e formosa visinha, colhia, aqui e ali, odoríferas violetas brancas; e dados e explicados os motivos d'aquelle agradável e amabilissimo encontro, ficaram-se d'ali em diante amando e cordealmente adorando, sob um juramento solene, expresso perante um formoso e niveo ramo composto das modestas e singelas florinhas e deposto por Aninhas nas mãos do apaixonado Guilherme.

Agora, ás manhãs doiradas e ao declinar das tardes calmas, quando o sol se atufa no Poente entre nuvens diáfanos e escarlates, Guilherme e Aninhas—com os seus corações ardendo em fervoroso amor, discretiam sobre sonhos roseos, emleados, mãos nas mãos dadas; emquanto o rouxinol, de quando—em—quando, em arroubamentos deliciosos, com seus carmes suavissimos, como que saúda aqueles dois amantes enternecidos e apaixonados...

SILVA VIEIRA.

BIBLIOGRAFIA

«Gil Vicente»

Recebemos o fasciculo correspondente aos numeros 7 e 8 da 2.^a série desta importante Revista, com o seguinte sumário:

«S. Francisco de Assis», (Conclusão), por Horacio de Castro Guimarães; «Os Doces de Santa Clara», por Alberto Vieira Braga; «Romagem dos Séculos» (Subsidios para a historia economica de Guimarães), por Eduardo de Almeida; «Misterio Intimo» (Soneto), por Cisne; «O Anátoma da Flandres» (O 18 de Janeiro), por João de Ourique; «Exposição de Arte Sacra» (Conferencia), por Alfredo Guimarães; «Arca de Reliquias» (Gotica—Século XV); «Custodia de Prata Dourada» (Gotico—renascentistas—Século XVI) e «Custodia de S. Tiago de Lordelo» (Periodo classico—Século XVII), desenhos de João Amaral; «D. Miguel II»; «Por Amor de Calombina»—De Horacio de Castro Guimarães—, por Parente de Figueiredo (Gravura), desenho de Carlos Carneiro; «Velharias Vimaraneses» Guimarães há 100 anos), por João Lopes de Faria; «Uma Victoria de Nuno Montemor»; «Vitrine dos Livresivos», por Horacio de Castro Guimarães e Manoel Alves de Oliveira.

Redacção e administração:—Largo Prior do Crato, 59-A—Guimarães, para onde devem ser feitos os pedidos de assinatura.

ESCLARECENDO

Corpo de Bombeiros e G. N. Republicana

OS QUE SE QUEIXAM

Sobre esta epigrafe, publicou este jornal uma local, em que varios socios e praças da A. H. B. dos Bombeiros Voluntarios de Espozende, se queixavam de que aquela milicia militar, excepcionalmente tinham estado por duas vezes a porta daquela agremiação, esperando-os á sahida para os *caxiar*.

Disseram-nos ainda os mesmos senhores, que não comprehendiam de modo algum o motivo, porque eles eram os unicos atingidos, como se ali não fosse uma casa de beneficencia e humanidade, e talvez a considerassem um antro suspeito.

Era essa queixa endossada por uma carta, que nos foi dirigida, apelando para a nossa imparcialidade, para que chamássemos a quem de direito á atencção, e não viesse essa atitude afastar os seus associados e praças de reunirem-se ali, onde alguns se reúnem, evitando meterem-se em tabernas, jogando o que a lei lhes permite, e a executarem alguns instrumentos.

Depois destas considerações que nos foram feitas pelo seu 2.º Comandante Eduardo Ferreira, em presença de varias praças e associados, demos a nota que sahiu no numero anterior.

E' este um direito que assiste á imprensa de ouvir as queixas de quem se nos apresenta.

Não discutimos ordens, embora reconhecamos muitas vezes, que as suas execuções, está ao critério de quem as executa.

Nós na imprensa, cujo objectivo é ser um porta-voz do publico e uma janela aberta a ver tudo quanto se passa para o transmitir ao mesmo, não podemos deixar de os ouvir.

Apontamos erros e excessos muitas vezes, para que se corrijam e se abrandem.

A essa critica não escapa o senhor Presidente da Republica e os proprios ministros, e, são frequentes nas entidades militares.

E' notório que quando surje casos de monta, há o respectivo inquerito e a trivial sindicancia, que quasi sempre acaba em *aguas de bacalhau*.

Mas, é preciso dizer-se, que ao menos para aparentar, é uma entidade superior,—ou inferior, não discuto,—que vem em tal mister.

Mas o que não vi até a presente data, é eu querer julgar os meus proprios actos, e querer de cara, saber quem me acusa.

Para quem não teme diz incontinenti, fui eu que o disse por que é verdade.

A môr parte,—e isso é um grande defeito do nosso povo,—encolhe-se, titubeia, e assigna depois d'um rendilhado, muitas vezes o contrario.

N'este caso dar-se-ia a mesma coisa, se o auctor d'estas linhas, que já foi o da nota anterior, não tivesse o cuidado de reservar em seu poder, o documento por elles assignado, em que se queixavam, de acordo como foi noticiado.

Se praças dos Bombeiros houve de hombridade como o sr. Alberto Cruz n.º 13, e a praça 12 e 9, assim como o seu 2.º comandante, que ali foram confirmar o que nos tinham dito, outras houve, que foram meter os pés pelas mãos e por tanto indignas de pertencer á corporação.

Nós que ali fomos a pedido do comandante do posto, para esclarecimento, ouvimos as partes, e chegámos á conclusão seguinte:

A Guarda N. Republicana, por intermedio do comandante do posto, cabo Ricardino Lomba, disse-nos que de facto ali têm ido; não acintosamente nem para menosprezar a Associação dos Bombeiros, mas sim em cumprimentos de ordens.

E pelos Bombeiros foi dito que de facto nos dias 5 e 12, ao abrirem as portas da Associação para sahirem, encontraram duas praças á porta que os *caxiaram*, mas sempre com a maior delicadeza e respeito, e que se se queixaram que foi unicamente por verem essa ordem executada para os da sua Associação e não para ambientes onde são frequentes as reuniões de gente cuja indole não se pode aquilatar.

Nós, cujo objectivo já esclarecemos, só lamentamos, é o não haver uma comunhão, um entendimento, entre os soldados da Paz, os da ordem e os da Guerra.

Os da Paz, que são os Bombeiros defendendo com riscos da propria vida, os haveres e a vida do proximo, espontaneamente, sem remunerações, o que os torna ainda mais dignos da nossa consideração.

Os da Ordem, que é a Guarda, cuja missão é garantir-nos o socego e a tranquillidade nos espiritos, de que podemos andar sem um inesperado assalto ou um derrespeito pelo nosso Eu.

Os da Guerra, que é o nosso Exercito, por ser a ele que está entregue a defesa da integridade da nossa Patria, o nosso

brio, a nossa dignidade.

Lamentava eu, e continuo a lamentar, é que estas trez entidades, dentro da sua esfera de acção, não se irmanem a coadjuvar uma á outra, — apesar de considerar que o que aqui se pássa, nada mais é que uma acção fragmentaria.

Direi ainda, que não discuto ordens, mas como me caiba o direito de discutir; dizer que o que se está passando, nos dá uma impressão de Estado de sitio que não está decretada, ou ainda o desencadear d'uma tempestade revolucionaria, que mesmo a sentir-se os efeitos não era aqui, onde os politicos é tudo uma familia uns verdadeiros irmãos, que nada mais veem do que o interesse da sua terra.

Poder-me-hão dizer que Espozende é um covil de malfetores, de facinoras e que por tal é necessario vigialos; e eu direi, não.

Tanto assim, que bastará dizer, que temos 4 presos na cadeia, alguns com crime de homicidio, que sem que a guarda os acompanhe, vão trabalhar, e para a Guarda, e ao escurecer,—como compenetrados da Justiça que devem ter pelos crimes praticados, recolhem-se á prisão.

E se o «Bota» fugiu, é porque era *estrangeiro* e que para bem de Espozende, foi bom não se *naturalisar*.

Direi ainda que não sendo a terra tão grande, nem tão elevado o numero da sua população onde não aparece alma,—nem se escurrega sem que a coscuvelhisse não saiba, e por tanto, a razão mais que sufficiente, a estranhar o que se passa mormente depois de ter estado em varias localidades, onde isso não se vê.

Mas, sem discutir ainda as ordens, aconselho a população da minha terra a recolher-se ao por o sol aos seus lares, até acabar de asfixiar a existencia de Espozende, já bastante periclitante.

Estas coisas quem afecta directamente é ao commercio, e é a ele que lhe compete reclamar.

Aos dirigentes do municipio compete ainda olhar para tudo isso, que só serve talvez para tolher o desenvolvimento de Espozende, cuja situação me faz corar de vergonha e sangrar pela chagas com que a torturam.

Armindo Eiras

A proposito, transcrevemos do «Primeiro de Janeiro» de 25, a correspondencia de Amares, que abaixo vai transcripta:

AMARES

22 DE FEVEREIRO

UMA RECLAMAÇÃO JUSTA

Umás vinte comissões de Juntas de freguezia deste conce-

celho, na sua quasi totalidade, reclamaram perante a Camara Municipal contra a permanencia aqui do posto da G. N. R., em virtude de constantes conflitos havidos por excesso de zêlo e abuso de poder, o que tem originado geral refumbancia.

—Numa taberna da freguezia de Figueirêdo houve de noite seria desordem entre populares e a Guarda, resultando haver ferimentos de ambos os lados, dos contendores, tendo uma praça recebido uma ou duas facadas o que segundo nos informam poderia ter-se evitado se houvesse mais prudencia e moderação por parte de quem tem o dever da manutenção da ordem. Outras queixas existem mais ou menos graves, o que tudo justifica a reclamação, que foi bem recebida.—(C.)

Aviso aos desertores

As praças desertoras que cometeram o crime até 31 de Dezembro 1927, são avisadas para se apresentarem nas suas unidades ou no D. R. R. por onde foram recenseados, para regularizarem a sua situação militar, por haver sido julgado prescrito o seu crime de deserção.

Licenças

Todos os proprietarios de casas de hospedes, ainda mesmo os que só tenham dois, teem de munir-se, imediatamente, do alvará da licença passada pela 3.ª Repartição do Governo Civil.

Todas as pessoas que não possuirem a respectiva licença, serão autoados.

Papel plissado

Que serve para muitas applicações, em todas as côres e mais uma, a preços sem rival por peça ou ao metro. Grande sortido

Tinta para marcar roupa—A melhor marca, franceza, de Alexander, vende-se com 30 0/10 a menos do que em outra parte. Resultado garantido.

POR 4\$00!

Uma elegante caixa de papel com 50 envelopes forrado e 50 folhas de papel branco, á venda, na nossa Livraria—Rua Direita.

Papel de chupar

Em diferentes cores, o que ha de melhor a preços reduzidos

Lacre em todas as côres, go-marabica em frascos, lapis Faber, canetas elegantes, aparos de todos os gostos, papel em caixas, prende papeis, giz, tintas alemãs e nacionaes, só á venda na Livraria Esposendense.

João Belo

«No ponto onde ficava o kraal, e onde está sepultado o Manicusse e foi enterado o Queto, que Mousinho mandou fuzilar, estivemos nós este ano, no dia 10 de Abril, pelas 7, 15 da noite, com o administrador Chibuto, Gaspar de Vasconcelos, e o delegado marítimo de Inhampura, 2.º tenente da armada, João Belo».

Anuario de Moçambique (1908)

Foi nessa jornada, e na tempestuosa noite desse dia em que uma temerosa trovoadá, entreseguida de ininterruptas cordas de agua, nos não deixou retomar o ponto de destino—o Chibuto, tendo de permanecer, os trez, com a roupa molhada no corpo, á luz e ao calor de uns toros de lenha humedecida, a dentro de uma palhota de que o tambem já morto Vasconcelos no fez apoderar, na margem direita do Chengane tendo apenas para matar a sede de todas aquellas longas salobra arraçada aos charcos circundantes, e foi então—dizias relações—de mais se caldearam a nossa amizade e comunhão de ideias.

Dezenhava-se-nos já, no horizonte politico do tempo, a tormenta de ambições, interesses e odios que fazia temer e prever uma catástrophe para a Nação.

João Belo, novo na idade mas feito no trabalho, de animo temperado nas conjunturas da refrega e de peito acendrado no culto da espada que pela patria se desembanha e se bate, disse-nos um dia:

«E se nós escrevessemos uma carta ao Rei, prevenindo-o de que está sendo enganado e atrahido pelos politicos?»

Em mais de que um dia, por mais do que dez vezes estivemos para levar aquella ideia a vias de facto.

Mas passados intimos colloquios sobre o caso, acabamos por desistir do intento, encarando cada um a sua posição social e derivadas responsabilidades, olhando até a que poderíamos perder a nossa carreira, por nos poderem os politicos considerar indisciplinados, uns insubordinados, accusados mesmo de *republicanos*...

Mais tarde, já consummada a tragedia do Terreiro do Paço, em que os politicos fizeram espadar sangue innocente nas ruas de Lisboa, que desde então se tornou um poço de lama e de sangue e de crapula e de miseria, dizia-nos João Belo (phraseologia identica) na expansão da sua inflexivel sinceridade:

«Se tivéssemos escripto a carta ao Rei, teriamos talvez

prevenido o mal, ou, pelo menos, ficavamos marcados na historia do paiz.»

E' que, para quem fosse honesto e patriota como o nosso amigo, espontaneo era o presentimento, o confragedor presentimento dos destroços que na patria ia fazer a obra dos politicos!

E' que o espirito de João Belo, inflamado de amor pela terra que honrou como soldado, adivinhou o desencadear de calamidades que se despejaram sobre o seu paiz bemquisto; adivinhou e infelizmente viu que os politicos baniram do solo patrio a ordem e a paz; viu e sentiu que por causa e acção dos politicos se assentou no logar da tradicional bondade a mais descaravel pravidade; que a fidelidade e a lealdade cederam a vez á traição e á traficancia; que o dever e a integridade foram substituidos pelo suborno e a extorsão; que se trocou a honra pela infamia, o direito pela violencia, a moralidade pela impudicia, a generosidade pelo odio, a verdade pela mentira, o socoço pelo tumulto, a solidariedade pelo egoismo, o puidonor pelo desbragamento, o pudor pela indecência, e a lei pelo arbitrio.

Quiz depois o acaso que um punhado de homens, a quem a força das armas confiou as re-deas do governo da Nação, e em cujo estandarte se proclama a regeneração nacional por de sobre os estragos encontrados, chamasse ás cadeiras do Poder o nosso amigo.

O valente marinheiro, o funcionario incorrupto e o incansavel trabalhador, mais para os outros do que para os seus e para si, accedeu.

Accedeu num arranco de dedicacão, num lampejo de esperança, num ultimo lance de patriotismo. E com esse arranco, nesse lampejo e nesse lance, deu tudo quanto coube na sua vontade de ferro, tudo quanto, a bem da patria, das colonias, da sua Moçambique, lhe forneceu o aço do seu honrado peito.

E, qual esbelta chrysalida laborando até se transformar em borboleta preciosa, evolou-se-lhe do corpo esgotado a alma bella, legando nas suas espirituas irradiações, aos companheiros, aos amigos e aos compatriotas, o exemplo da dedicacão, o estímulo do trabalho, o modelo da abnegação e o espelho do caracter.

Hemos que nos render a esta desoladora verdade: caracteres e energias assim, são ainda cauterio demasiado forte para a efficaz prophylaxia dos males nacionais.

Deveremos descorçoar de melhores dias futuros? Não; mas hemos que esperar, com resigna-

CARTA

... Sr. Director de
«O Espozendense»

Lendo no seu muito conceituado jornal de 25 do corrente, uma local com a epigrafe «Corpo de Bombeiros e G. N. Republicana», e, como presenciasse os motivos que originaram essa local, posso afirmar ser menos verdadeira, porquanto nenhum bombeiro foi menos-presado nem derrespeitado pela G. N. R. Não quero, com isto, tomar a defeza, d'uma ou doutra corporação, pois não tenho procuração de nenhuma d'elas, mas acima de tudo, a verdade. O autor dessa local, que creio ser o Ex.mo Sr. Arnindo Eiras, foi iludido na sua boa fé, (ele bem o sabe), mas que lhe sirva isso de exemplo para a outra vez se não deixar ir no balão. Os motivos que originaram essa local, foram, os seguintes: Ser essa humanitaria Associação frequentada por muita gente que, não sendo socios, ali se reúnem para jogarem o quino, gente essa que, pela sua reputação duvidosa, deve ser vigiada de perto pelas autoridades que, a seu cargo teem a manutenção da ordem publica. Ora, como uma patrulha da G. N. R. que por acaso passava em frente ao edificio dessa humanitaria Associação, no momento em que d'ali saíam socios e não socios, destes ultimos, alguns que se tornaram suspeitos a essa patrulha, esta revistou-os na rua, o mesmo sucedendo aos restantes,

ção, que novos males escapem ao esforço, salvador, dos homens de boa vontade, porque, como os factos nos patenteiam, está ainda clamando mais justiça o inculpado sangue derramado, á mão dos politicos, no chão da nossa patria.

SOUSA RIBEIRO.

EDITAL

A Mesa da Santa Casa da Misericordia, Hospital e Azilo anexos de Fão

FAZ publico que no dia 4 de Março proximo, pelas 15 horas, receberá propostas em carta fechada, para reconstrução do actual motor a vento conforme as condições patentes n'esta secretaria, onde poderão ser examinadas pelos interessados todos os dias uteis das 14 ás 16.

Fão, Secretaria da Santa Casa da Misericordia, Hospital e Azilo anexos 24 de Fevereiro de 1928.

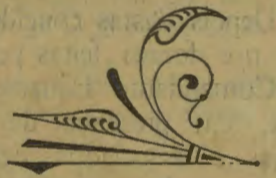
creio bem que, para não haver melindres para ninguém. Estou por certo que, a frequencia dessas creaturas n'aquella humanitaria Associação, não é do conhecimento da Ex.^{ma} Direcção, nem tão pouco do Ex.^{mo} Sr. Arthur de Boaventura Rego, distinto comandante d'aquella prestimosa corporação. Queixosos, ... Sr. Director, se os houvesse, deviam ser aqueles que teem por uso e costume andarem munidos de pistolas, revolvers e navalhas, para na melhor ocasião e pela questão mais simples, mandarem para o outro mundo creaturas pacificas, como infelizmente já tem acontecido. Eu, que me preso ser amigo da ordem, louvo as medidas adoptadas pela G. N. R.

No que respeita a haver outras colectividades onde os seus socios se reúnem; ha apenas a Assembleia, mas ali não se joga a dinheiro e só entram creaturas de bem e das mais gradadas desta Vila. Seleção social, sempre a houve e haverá, como ainda não estamos no bolchevismo, não podemos ser todos iguaes.

Agradecendo a publicação desta, creia-me de V.^o ... M.t^o At.^o e V.^o

Esposende, 29 de Fevereiro de 1928

A. B.



O Provedor

José Joaquim Soares Estanislau.

CONSULTORIO DENTARIO

Camilo Ramos, Cirurgião-Dentista e Farmaceutico com consultorio em Barcelos, Famalicão e Santo Tirso, abre brevemente consultorio nesta vila, dando consultas aos domingos.

Previne os seus Ex.^{mos} Clientes que acaba de fazer uma redução de trinta por cento em alguns dos seus trabalhos de cirurgia e protese dentaria.

GAZOMETRO

Vende-se um Gazometro de acetilene, de folha de erro, quasi novo, com seus pertences, por modica quantia.

N'esta typografia se dão nformes e preço.